

CAPITULO VII

AS REACÇÕES EMOTIVAS

As reacções expressivas. Origem e mecanismo das emoções. As emoções elementares. As reacções emotivas e os impulsos. O impulso aggressivo: hostilidade, crueldade, colera, ciúme, vingança. O impulso para o desconhecido: surpresa, curiosidade, admiração, medo, timidez. O impulso gregario: *sympathia*, abnegação, dominação, submissão, emulação. O impulso sexual: ternura, fanfarronice, faceirice, attracção inter-sexual, pudor. Referencias bibliographicas. Resumo. Vocabulario.

As reacções expressivas.

As reacções a que Preyer denomina *movimentos expressivos*, apresentam caractéres particulares. Distinguem-se perfeitamente dos movimentos instinctivos por não se acharem em relação directa com o exito do acto. Esta distincção existe apenas a principio; mais tarde a criança começa a estabelecer um nexo entre essas reacções expressivas e o exito das mesmas: tornam-se mesmo volitivas. Os gritos, por exemplo, inicialmente dados como uma manifestação de desprazer ou mal-estar, adquirem uma relação com a satisfação destes estados incomodos, graças á experiencia.

Emquanto a criança não pode utilizar a linguagem articulada — affirma Preyer — entende-se com outras crianças ou com as pessoas adultas pelos meios de que se servem os animaes superiores: movimentos e attitudes, gritos, etc. que exprimem certos estados organicos ou affectivos ainda elementares (1). São considerados movimentos expressivos na criança: o sorriso, o chôro, os gritos, a mimica, os movimentos de cabeça, assignalar com a mão ou o dedo, etc. Alguns autores teem attribuido a essas reacções expressivas um character social. Thorndike, entretanto, é contrario a essa função social dos primeiros actos expressivos, uma vez que elles “servem apenas para mudar a situação daquelle que os faz e não para a communicação” (2).

Segundo Bühler quatro movimentos expressivos podem ser notados na criança durante as primeiras semanas: o grito com chôro, o sorriso, os movimentos de cabeça e um certo fran-zido da bocca (3). Algumas dessas reacções são a principio simplesmente impulsivas que se transformam em expressão de emoções elementares. E' preciso assignalar que algumas re-

acções expressivas são ocasionadas por sensações internas e outras por sensações externas. Quer se trate de reacções expressivas positivas ou negativas, devemos considerar o papel que desempenham aquellas sensações. Nada produz tão frequentemente grito e choro como as sensações resultantes de distúrbios nutritivos e respiratorios. A fome, a sede, o somno, a humidade, as restricções impostas aos movimentos são a causa de reacções expressivas de desprazer. Para Bühler essas reacções negativas são em maior numero do que as positivas, isto porque aquellas são de maior importancia para a criança no ponto de vista de satisfação das suas necessidades mais imperiosas.

As reacções positivas de prazer apparecem algumas semanas depois do nascimento. Os estados de tranquillidade que veem depois do somno, da alimentação ou do banho são propicios aos movimentos expressivos de prazer: sorriso, movimentos dos membros, palmas e balbucio.

Na evolução dos estados affectivos elementares podemos observar um constante progresso. A pouco e pouco a criança ir-se-á desprendendo da influencia das situações presentes: as impressões anteriores, recordadas num certo momento, poderão provocar reacções expressivas. Mais tarde a criança terá uma attitude differente em face dos motivos que determinam as emoções. Constitue este momento um notavel progresso da conducta infantil. Antes a criança entregava-se *passivamente* á influencia agradável ou desagradável das sensações internas e externas; agora ella tende a libertar-se desse estado passivo: procurará as impressões que occasionam o prazer e evitará as que produzem o desprazer. Durante todo o processo de aprendizado da criança a escolha do prazer se tornará o principio fundamental que ha de dominar.

A experiencia diaria irá orientando-a nos seus ensaios de adaptação. É curioso observar nos primeiros tempos a inconsciencia do perigo immediato: os animaes, os vehiculos, a altitude, o fogo, etc., não provocam susto ou simplesmente attitude de prudencia. Não se trata, entretanto, de desasombro ou coragem: a criança provoca um animal, dependura-se de uma janella, olha para um poço, atravessa a rua ou toca

no fogo por desconhecer os effeitos dolorosos que esses actos poderão causar. Mas, em breve, experimentados esses effeitos, passa a criança a uma conducta de reserva ou de cuidado em presença do perigo. Irá adquirindo por si mesma a experiencia do que convem realizar ou do que é util no ponto de vista de satisfação de suas tendencias hedonicas, em virtude daquelle principio de selecção dos excitantes emocionaes. Nesta época a propria criança pedirá auxilio em face do perigo: gritará, gesticulará, para evitar a repetição das emoções desagradaveis, anteriormente experimentadas. Aos 2 annos e meio ella terá uma certa disciplina de movimentos afim de preservar-se de quedas. É preciso, entretanto notar, que esse apprendizado não se faz rapidamente. As dôres soffridas não servirão de lição para a conducta futura senão a partir de um certo tempo, variavel de criança para criança.

Origem e mecanismo das emoções.

De certo que incorreriamos em erro se estabelecessemos momentos differentes de apparecimento dos processos que a psychologia classica considera de maneira mais ou menos autonoma: os processos affectivos, os motrizes e os representativos. Na conducta animal não é possivel distinguirmos essa independencia da actividade psychica: as reacções individuaes são um complexo que participa ao mesmo tempo de um tonus affectivo e de uma qualidade representativa manifestando-se por movimentos de diversa natureza — uns são physiologicos (vaso-motricidade, modificações respiratorias, secretorias), outros constituem a conducta externa (mimica, gestos, attitudes, palavra) e ainda outros constituem a conducta em face das influencias sociaes (attitudes de preferencia de trabalho, de diversão, de relações sociaes, de corrente politica, de credo religioso, etc). Dahi a impossibilidade ou antes o erro de considerar-se a vida psychica como repartida entre factos affectivos, motrizes e intellectuaes distinctos pela origem, pela qualidade e pelos seus effeitos na conducta individual. Devemos conceber a conducta como um todo harmonico que participa das reacções geraes do organismo e da psyché e que pos-

sue uma significação propria em relação á vida do individuo quanto á sua affirmação e orientação no grupo social. Os autores, em geral, dão a affectividade como ponto de partida da vida psychica. É a opinião de Dwelshauvers: "os factos do comportamento na criança parecem indicar, antes de toda differenciação, que o primeiro symptoma da vida mental é mais ou menos dominado por uma tonalidade affectiva" (4). Os dados experimentaes da physiologia comprovam esta affirmação. As camadas opticas e os corpos estriados, considerados como centros da mimica emotiva, teem seu desenvolvimento anterior ao da cortex cerebral.

No recém-nascido podemos dizer que a sua conducta se acha intimamente ligada ás necessidades organicas. Numa época em que as estruturas nervosas ainda precisam de um certo aperfeiçoamento, as reacções quase exclusivas são as determinadas pelas modificações internas: a fome, a sêde, o somno — todo um conjuncto de excitações visceraes provocam reacções com um tonus de emotividade. O prazer e a dor acham-se exclusivamente dependentes das necessidades vitaes elementares. Se a criança tem satisfeita a sua necessidade de alimento e de somno, se os seus órgãos funcionam com um rythmo regular — ha prazer que se traduz pela physionomia tranquilla, pelo riso, pelo balucio. Se, ao contrario, aquellas necessidades não são satisfeitas ou se se interrompe o rythmo funcional dos órgãos — ha, então, dôr que se traduz por outras reacções, gritos, agitação desordenada dos membros, etc.

Mas, cêdo, alarga-se o psychismo da criança com o exercicio regular dos sentidos. Novas manifestações emotivas apparecem: desprazer ao choque da luz intensa, dos ruidos fortes, dos contactos incommodos. Essas reacções transformam-se logo de negativas em positivas, quando os órgãos sensoriaes se accommodam ás novas condições do ambiente: a criança procurará, então, a luz com prazer, promoverá os ruidos e os contactos revelando satisfação particular. Com o desembaraço dos mecanismos motrizes, quando a criança é capaz de apreender e de marchar, novas fontes de emoção adquire. Tenderá dahi por deante a dar expansão á exuberancia motriz, e

qualquer restricção imposta a esta expansão provocará reacções negativas, de colera, de mal-estar, de tristeza. Mas alarga-se cada vez mais a esphera dos desejos infantis; os interesses tendem a abranger todas as cousas que a criança não conhece e então novas disposições emotivas se estabelecem. Com o decorrer do tempo, outras emoções apparecerão, sempre mais complexas e mais variadas, como reacções da personalidade que procura por todos os meios affirmar-se dominando as influencias exteriores.

> Resumindo podemos dizer que a affectividade tem o seu ponto de partida nas necessidades organicas e nas disposições psychicas das quaes depende segundo a sequencia regular da sua satisfacção ou a interrupção da sua periodicidade funcional. Sendo as necessidades organicas mais imperiosas, as reacções emotivas que a ellas se prendem são elementares e por isso mais violentas; as reacções emotivas ligadas ás disposições psychicas são mais delicadas e mais complexas.

As emoções requerem um mecanismo especial, dependente do systema neuro-muscular que produzirá uma resonancia affectiva graças a excitações sensoriaes internas (cenesthetics), externas (visuaes, auditivas, tacteis, dolorosas), e a excitações intellectuaes (percepções, lembranças, etc.). Estas excitações precisam ser bruscas e intensas para que possam ter uma tonalidade affectiva. As excitações fracas ou continuas não chegam a produzir emoção: as cenesthetics normaes não são percebidas conscientemente, mas produzem uma resonancia geral determinando o humor individual — irascibilidade, calma, euphoria, etc.

O grau de intensidade das emoções não depende exclusivamente da quantidade da excitação, mas tambem do typo sobre o qual ella age. Dahi dizer-se que a intensidade da excitação necessaria a uma emoção se acha em ordem inversa das predisposições do individuo. Algumas destas predisposições pertencem á propria natureza individual — são as predisposições constitucionaes innatas: ha os que se encolerizam facilmente, os que se intimidam com qualquer cousa, os que se animam com coragem para a acção, os alegres, os tristes, os

melancolicos, etc. graças ao feitiço particular de sua constituição. Outras predisposições são adquiridas no curso da vida em virtude de um estado morbido, como as doenças do coração, do fígado, dos intestinos, como os distúrbios endocrinossympathicos. Taes desordens organicas determinam um humor particular propicio ás emoções por uma excitação minima. Ainda predispõem á emotividade facil os estados que se prolongam, produzindo uma receptividade exaggerada ás excitações de pouca importancia — taes são os individuos soffredores ou felizes, sensiveis com maior intensidade a novas emoções.

As descargas nervosas são liberadas sempre de maneira differente; essa diversidade de reacções provem da propria qualidade da emoção e da maior ou menor sensibilidade individual. As emoções exaltativas produzem reacções vaso-motrices, glandulares e physionomicas num determinado sentido; as emoções depressivas agem num sentido differente. As instantaneas transparecem com maior accento; as duradouras são menos visiveis. Num mesmo individuo, as reacções não são identicas: uma mesma emoção produzirá reacções mais ou menos fortes, de accordo com o estado organico do momento ou o anterior.

As vias de escoamento das descargas emotivas não são sempre as mesmas. Se a emoção tem uma intensidade media a descarga percorrerá as *vias bulbo-medullares*, dirigindo-se aos musculos *estriados* da vida de relação. Neste caso as reacções consistirão em agitação, attitude de fuga, gritos, gestos. Na criança as reacções emotivas são deste typo: ellas são mais superficiaes do que profundas. Podemos notar como as reacções infantis — os gritos, os chôros, os risos intempestivos — determinadas por emoções aparentemente fortes, interrompem-se de subito, sem deixar vestigio. Com a maior facilidade passam as crianças de um polo emotivo a outro: o choro pode succeder ao riso ou vice-versa — o que vem provar a superficialidade e a ligeireza das emoções infantis. Interessantes em certos casos são as reacções emotivas que se prolongam na criança automaticamente, depois de esquecido o motivo que as determinou. Isto acontece sobretudo com as re-

acções de colera em virtude de restricção aos seus desejos ou á sua liberdade.

Quando a emoção é violenta ou duradoura a descarga nervosa tende a generalizar-se percorrendo não só as vias communs da vida de relação como tambem as *vias sympathicas*, em connexão directa com as funcções vegetativas. A colera, o medo, a alegria intensa, etc. provocam por isso modificações vegetativas — alteração do rythmo respiratorio, dos batimentos cardiacos, constricção da garganta, pallidez, mudança da temperatura, etc.

Questão controvertida é a de saber-se se as modificações visceraes são uma consequencia das emoções ou se constituem propriamente a causa dessas mesmas emoções. A opinião geralmente acceita é a que considera os factos intellectuaes — as lembranças, as percepções, etc. — como determinantes do estado emocional que se traduz por reacções organicas e motrizes varias. Facto intellectual — emoção — reacção: tal é a sequencia admittida pela *theoria intellectualista* (Herbart, Nahlowski, etc.) São contrarios a esta sequencia de phenomenos Karl Lange e William James. Não são propriamente identicas as interpretações destes autores, mas ha entre ellas alguns pontos communs. Ambos admittem que os estudos somaticos constituem a causa da emoção, isto é, produzem-se em primeiro logar para que haja a emoção. Quando uma situação qualquer vem interromper o curso da nossa vida, modificações visceraes e motrizes surgem logo: a repercussão consciente dessas modificações somaticas será, então, a emoção. São as transformações organicas que constituem os estados emocionaes. Ha, então, de accordo com a *theoria psychophysiologicala* de Lange-James uma inversão na serie intellectualista: excitação — reacções organicas — emoção.

George Dumas esclarecendo a questão, admite os factores periphericos da emoção, mas alem destes elementos é preciso considerar os elementos centraes, resultantes da vida anterior, do habito, da maneira de reagir de cada individuo (5). Combinam-se em certo sentido as theorias oppostas.

As emoções elementares.

A vida affectiva da criança acha-se limitada a principio ás necessidades elementares: ella experimenta prazer e desprazer quando satisfaz ou não essas mesmas necessidades. "A fome, os disturbios respiratorios, as excitações sensoriaes intensas e a fadiga determinam desagrado; os estímulos sensoriaes moderados e a fome satisfeita produzem alegria e bem-estar" (Gaupp, 6). A observação da conducta infantil dos primeiros tempos leva-nos á conclusão de que a affectividade nesta época tem um fundo egotista muito accentuado, uma vez que as emoções elementares são sempre impregnadas de uma tonalidade de prazer-desprazer, em intima relação com a conservação individual. Deste fundo primordial, egotista, resultam a colera, o ciúme, a inveja, a obstinação — emoções de maior ou menor aggressividade segundo as circumstancias; e tambem a alegria, o prazer physico, a exaltação vital — que são estados emotivos do polo antagonico, mas igualmente em connexão com a imperiosa necessidade de affirmar e conservar a propria vida.

Outras emoções não conhece a criança senão as contidas na esphera de seu egotismo basico. Ellas são em geral faceis, espontaneas, de uma expansão exaggerada por falta de um controle superior, mas tambem passageiras, voluveis, attendendo mesmo á necessidade de manter o equilibrio organico. No ponto de vista affectivo a criança não sente as situações profundamente depressivas nem as intensamente exaltativas senão por um curto espaço de tempo: passa de um polo a outro imprevisamente.

Com o processo lento de adaptação ao meio physico e social, alarga-se a esphera emotiva da criança: a surpresa, o medo, a admiração, a vergonha, a ternura, a timidez, a sympathy, a camaradagem, etc. são reacções emotivas em face das situações differentes do ambiente, os primeiros conflictos entre o egotismo que permanece como nucleo fundamental da personalidade e a imperiosa necessidade de adaptação, de conformidade com a acção permanente dos phenomenos ex-

teriores e os principios estabelecidos como norma de vida social.

As reacções emotivas e os impulsos.

Tentamos fixar em quadro geral a evolução das reacções emotivas infantis, tendo por base as quatro esferas em que se manifestam os impulsos do individuo — a esfera do *impulso aggressivo*, a do *impulso para o desconhecido*, a do *impulso gregario* e a do *impulso sexual*. Em cada uma dessas esferas salientamos as reacções mais características. Tomamos, assim, aquelle conceito de Mc. Dougall pelo qual as reacções affectivas surgem como aspecto affectivo dos impulsos instinctivos (7). Thorndike e Languier des Bancels oppõem-se entretanto a este ponto de vista. Considerando as reacções emotivas durante a infancia parece-nos entretanto que tomamos um criterio perfeitamente accetavel. Distribuimos alguns typos de reacções pelas quatro esferas dos impulsos que reputamos fundamentaes. Uns desses impulsos dizem respeito á necessidade de nutrição, de aquisição, de conservação, de construcção; outros, á necessidade de accommodação, de aggregação, de cooperação, de conformidade com o meio ethico e social.

I — *Impulso aggressivo*

- 1 Hostilidade
- 2 Crueldade
- 3 Colera
- 4 Ciume
- 5 Vingança

II — *Impulso para o desconhecido*

- 1 Surpreza
- 2 Curiosidade
- 3 Admiração
- 4 Medo
- 5 Timidez

III — *Impulso gregario*

- 1 Sympathia
- 2 Abnegação
- 3 Dominação
- 4 Submissão
- 5 Emulação

IV — *Impulso sexual*

- 1 Ternura
- 2 Fanfarronice
- 3 Faceirice
- 4 Attractão inter-sexual
- 5 Pudor

O impulso aggressivo.

Aspecto dominante na conducta infantil é a aggressividade — attitude quase permanente de hostilidade e de luta contra tudo o que se oppõe á satisfacção de suas necessidades — seus caprichos, seus desejos e sua exuberancia motriz. Mas a aggressividade é cêdo reprimida: o proprio meio physico começa a exercer uma influencia restrictiva aos impulsos aggressivos. Depois veem as imposições das pessoas adultas, os conflictos em que a criança se empenha, de efeitos dolorosos e que acabam por conformá-la a attitudes de reserva e de disciplina. Adquire a aggressividade, á maneira do instincto sexual, novas fórmãs de expressão, meios de compensação em correspondencia com as condições impostas pelo consenso geral. A criança colleccionará, construirá, terá interesses outros de applicação nos brinquedos, nos trabalhos escolares. A aggressividade transforma-se então, graças á repressão exterior, em actividade util e de grande valor educativo.

Pode-se attribuir essa aggressividade inicial da criança a uma necessidade de *affirmação de si mesma*. Tendo necessidade de vencer o meio hostil e não lhe sendo possivel a conquista directa, a criança toma uma attitude aggressiva como uma especie de *supercompensação*. É a debilidade que simula

poderio e dominio. Adler faz assentar no sentimento de inferioridade que se sublima em formas aggressivas a affirmação da personalidade (8). Se algumas vezes o sentimento de inferioridade pode produzir sêres inadaptados, timidos, medrosos e fracassados, quando é exaltado, quase sempre estimula a criança a compensar a propria debilidade procurando pela aggressividade um dominio sobre o ambiente em que vive.

Algumas vezes a aggressividade se exerce sob forma curiosa. Em determinado momento ella se manifesta apenas por uma attitude de hostilidade. É o que acontece quando a criança se encontra em face de uma situação insuperavel: realização de certos actos que lhe são desagradaveis, obediencia a ordens de estudo, restricção a certos desejos ou caprichos. Trata-se de uma aggressividade que se recolhe dada a impossibilidade de reacção, mas deixa na criança uma resonancia de colera ou simples animosidade. Outras vezes a aggressividade se manifesta atravez da attitude de inveja. Se por acaso a criança se acha em face de objectos que deseja fortemente e não lhe é possivel apossar-se dos mesmos, fica á distancia a invejar. Quando, porem, a criança se encontra numa situação em que pode dominar, a sua aggressividade manifesta-se pelos meios communs: exaltação emotiva, vivacidade mimica, exuberancia de força muscular. É o caso em que ella se encontra em companhia de crianças mais fracas ou de animaes domesticos. Os actos que pratica são então classificados de crueldade: esbofetear, empurrar, morder, bater com um pau, desarticular, espatifar — taes são as manifestações de crueldade nas situações referidas. É a criança nesta phase o "*perverso polymorpho*", segundo a expressão de Freud. Mas no verdadeiro sentido estes actos não são de crueldade. A criança não tem a consciencia do damno que pratica. Trata-se apenas de uma affirmação de sua personalidade ainda plena de impulsos primitivos que procura por todos os meios exercer um dominio sobre o ambiente.

Ainda outra manifestação de aggressividade notamos na attitude de *ciume*. Impellida por necessidades vegetativas, ella considera o alimento como propriedade sua. Não só o

alimento como tudo o que se acha relacionado com a satisfação de suas necessidades: a pessoa que lhe dispensa cuidados, os objectos de uso diario, as roupas, os brinquedos, etc. — tudo é incorporado ao seu patrimonio. A partilha desses mesmos objectos, dos cuidados, dos affectos — partilha feita pelos paes com irmãos repercute na criança de maneira desagradavel, determinando-lhe uma attitude de ciume misturado de um sentimento de abandono e desejo de vingança. Este desejo de vingança chega mesmo a exercitar-se quando possivel. Muitas vezes o sentimento de hostilidade, a malquerença entre filho e paes ou entre irmãos tem suas raizes naquellas emoções remotas da vida infantil — emoções que se transformam em verdadeiros *complexos* que subterraneamente permanecem orientando inconscientemente a conducta individual.

A escola de Freud considera a aggressividade como uma manifestação da *libido* que procura por todas as formas vias accessorias ou secundarias de expansão. As differentes attitudes atraz enumeradas não seriam mais do que maneiras de expressão dos impulsos libidinaes que ainda não possuem especialização e fins reproductivos. É entretanto hypothetica a filiação de todos os impulsos da personalidade a um unico impulso — o sexual. Consideramos este impulso como possuindo um grande relêvo, sem comtudo desprezarmos outros igualmente nucleares. Tomamos o problema a partir de certo momento, isto é, deixamos de parte a origem da aggressividade afim de não enveredarmos pela pura especulação, e o concebemos como um impulso que condiciona varias formas da conducta infantil — a hostilidade, a crueldade, a colera, o ciume, a vingança, etc.

As observações das reacções emotivas não são numerosas. Os questionarios feitos pela *Sociedade livre para o estudo psicologico da criança*, são de um interesse real. O estudo da colera infantil mereceu uma attenção especial dos collaboradores dessa Sociedade, mas não se estende a toda infancia. Tratando da evolução da colera infantil diz Perez que “durante as primeiras semanas a criança não parece exprimir instinctivamente senão por seus gritos e movimentos de resistencia, o aborrecimento que lhe causam os objectos. Mas aproxi-

madamente aos 2 mezes ella repelle com violencia os objectos desagradaveis, e, com o sobrecenho franzido, vermelhidão nas faces, esperneio e mesmo lagrimas, mostra verdadeiros accessos de colera" (9). O ciume para o mesmo autor é um pouco mais retardado; mais ou menos aos 3 mezes a criança revela ciume das pessoas que se aproximam da propria mãe ou mamadeira.

O impulso para o desconhecido.

Mesmo na época em que o impulso aggressivo ainda é bem accentuado, a criança começa a ser impellida para tudo o que é desconhecido. Este impulso para o desconhecido ha de ultrapassar a phase de aggressividade e encher todo o tempo da infancia e prolongar-se pela adolescencia em combinação com outros impulsos contemporaneos.

A criança nasce e entra logo em conflicto com o meio physico cheio de excitantes desagradaveis aos seus sentidos ainda virgens de todo o contacto exterior. As primeiras impressões repercutem na criança com desprazer: a luz intensa; os ruidos violentos; o contacto da roupa, do ar; o frio; o calor, etc. produzem reacções de mal-estar. Cêdo os orgãos sensoriaes começam a accomodar-se á nova situação: a criança procurará então a claridade, provocará os ruidos agitando os objectos e apanhará estes para sentir-lhes o contacto. Todas essas impressões serão agradaveis a partir deste momento. Mas á medida que a criança avança em idade um novo mundo abre-se para ella. Os seus sentidos começam a descobrir côres e formas até então desconhecidas. Sobretudo com a capacidade de andar é que ella se torna apta a fazer por si as suas descobertas. Em face do desconhecido, do novo, a criança toma uma attitude de surpresa. Toda vez que seus olhos ou as suas mãos descobrem um objecto estranho interrompe-se bruscamente a sua adaptação; esta subita interrupção dos mecanismos habituaes produz uma attitude de surpresa que se manifesta pela parada dos movimentos, pela suspensão do fluxo da sua curiosidade, pela mimica que se fixa numa attenção absorvente. É a surpresa. Dahi decorrem reacções emo-

tivas de formas diversas, até mesmo aparentemente antagonicas, mas todas relacionadas com o impulso para o desconhecido. Se a criança descobre no objecto que a surpreendeu, elementos de satisfação dos seus sentidos ou dos seus desejos, tomará uma attitude de admiração. Passada a hesitação inicial do receio, aproxima-se, mira e remira e acaba por se apoderar, quando possível, do objecto de sua admiração. Se, ao contrario, a criança percebe ou imagina no objecto elementos chocantes, com possibilidades de um perigo para sua propria conservação, então terá uma attitude de medo — que não é senão uma defesa individual. Ella fugirá, gritará, ou ficará no mesmo lugar, tremula, pallida, com olhos e bocca desmesuradamente abertos. É preciso notar que a criança de tenra idade não sente medo. As reacções expressivas de medo só se manifestam quando o mundo exterior começa a exercer uma certa influencia sobre seu psychismo. Se por acaso um recém-nascido agita-se, treme ao ouvir um golpe forte, devemos considerar esses movimentos como actos puramente reflexos sem nenhuma tonalidade emotiva. Logo que a criança é capaz de presentir um perigo á sua conservação, então começa a temer, a recear. Entretanto, ha autores que vêem naquellas reacções reflexas a manifestação de um medo hereditario. A criança traria desde o berço uma experiencia ancestral, herdada do homem primitivo que vivia constantemente a reagir pelo medo contra um ambiente inhospito. É a opinião de Ribot, de Preyer e de Perez. Este affirma crer na existencia de um temor natural, de organização hereditaria, consequencia das experiencias primitivas que servem á criança como uma protecção contra perigos de que não tem ainda experiencia (10). Este presupposto medo na criança seria anterior a qualquer experiencia pessoal e a qualquer possibilidade de presentimento de insegurança pessoal ou de perigo.

Mas não é só o desconhecido que provoca reacções de medo na criança: o semi-desconhecido pode ser igualmente causa de medo. Basta que os objectos usuaes ou as pessoas da familia appareçam sob forma ou aspecto fóra do commum. É frequente a criança temer as pessoas vestidas com certas côres ou trazendo certos accessorios — chapéus, guarda-chuvas,

etc. A obscuridade é tambem fonte de medo nas crianças a partir de 1 anno e meio. Explica-se este medo da obscuridade pela ausencia das sensações visuaes. Os animaes, os vehiculos, a chuva, o fogo, etc. produzem igualmente medo. Segundo Darwin os primeiros indicios de medo apparecem nas primeiras semanas por occasião dos ruidos inesperados, e mais tarde, por occasião de ruidos e attitudes estranhas (11).

É preciso assignalar ainda que com o desenvolvimento mental da criança, novas causas de medo sobreveem: narrações de factos sobrenaturaes, historias de phantasmas, duendes, etc. provocam reacções de medo, de preferencia á noite, com a obscuridade.

O inquerito que procedemos, á maneira do de Monroe, entre os escolares do Recife, de 8 a 14 annos, esclarece quaes os objectos de medo infantil e a sua razão de ser. Constituem a prova as seguintes questões:

- 1 — De que você tinha medo quando era pequeno?
- 2 — Por que tinha medo dessas cousas?

Apuradas as respostas, chegamos ao seguinte resultado:

De que?	S. masc.	S. fem.
Motivos sobrenaturaes	75	70
Motivos naturaes	15	9
Motivos mecanicos	9	4
Pessôas	41	42
Animaes	48	54
Diversos	33	17
	227	196
Porque?	S. masc.	S. fem.
Damno physico	92	98
Damno moral	27	14
Influencia alheia	16	21
Diversos	18	25

Vemos que varios motivos determinam o medo; entre esses motivos tem uma posição de realce os sobrenaturaes, isto é, *alma do outro mundo, cariry*, etc.; os animaes e as pessôas

em seguida. Os paes, os velhos, os soldados estão sempre incluídos entre as pessoas que provocam o medo nas crianças; os animaes são ás vezes mencionados com a expressão generica *bicho*. Os motivos naturaes são quase sempre o mar, o fogo e o trovão. Não ha uma differença muito sensível quanto ao medo entre os sexos.

As razões de ser do medo infantil foram agrupadas em damno physico, com uma grande percentagem; em damno moral, representado por percentagem menor; em influencia alheia representada fracamente. As respostas dadas em primeiro lugar vieram confirmar perfeitamente como o damno pessoal é o que mais importa nas reacções de medo. Antes de tudo a criança procura defender-se, conservar a sua integridade physica. Entre as causas do medo nas crianças mais velhas podemos assignalar o contagio e superexcitação imaginativa. O contagio por effeito de atemorização das pessoas adultas e de conversação é commum entre nós. As narrações de factos extraordinarios em regra se combinam com uma natural superexcitação da imaginação infantil, determinando o medo do escuro, de phantasmas, de almas penadas, etc.

Para K. Groos o medo tem um significado biologico de grande importancia, visto como serve de contrapeso para equilibrar o impulso infantil para tudo o que desperta a curiosidade. E' uma especie de protecção ao sêr que se forma.

A experiencia que a criança vae aos poucos accumulando torna-a aos poucos prevenida contra tudo aquillo que provoca o medo. Ella adquire uma attitudo de receio, de timidez em face das cousas que em geral não foram conhecidas ainda. As velhas emoções, de certo, continuam a repercutir no sentido da busca do agradável e da fuga do desagradável. A timidez até certa época não tem outra explicação — é apenas uma attitudo de reserva ou de receio em face do que é estranho. Entretanto em certos casos a timidez tem uma certa relação com o sentimento de inferioridade que não se compensou. Permanecendo o complexo da propria inferioridade, terá a criança uma conducta de timidez sempre que for necessario apparecer a pessoas estranhas, fazer alguma acção em certos momentos, recitar a lição ou sair sem companhia. A criança

timida tem uma attitude caracteristica: não sabe onde situar as mãos que movem desordenadamente o chapéu ou um botão, conserva os olhos baixos, ruboriza-se, emmudece, immobiliza-se, esquece o que tem a dizer, treme os labios, chora.

Depois de certa idade, as attitudes de timidez teem correspondencia frequentemente com o amor-proprio da criança. É o receio de não fazer bem, de não ficar á altura dos demais, de não merecer o elogio ou a approvação dos paes e dos mestres, os motivos determinantes da timidez. Segundo J. Demme e T. Jonckheere, a timidez é a consequencia do desaccordo que existe ou poderia existir entre o que o individuo pensa, sente e quer e os meios que possui para obter o resultado desejado (12). As crianças que vivem isoladas, que não brincam com outras crianças ou que não passeiam assiduamente são sempre timidas. Mas é preciso notar que a constituição individual predispõe á timidez. Ha crianças que permanecem timidas mau grado toda influencia da educação.

Binet affirma que "a meiguice e a timidez são os dois traços de caracter que apparecem mais frequentemente nas observações das crianças medrosas" (13). Na verdade não se podem separar as reacções de timidez e de medo, sobretudo em certas crianças que teem sempre presente a sua debilidade e estão a exigir constantemente a protecção das pessoas adultas.

O impulso gregario.

O apparecimento dos impulsos gregarios constitue novas fontes de reacções emotivas. A criança mais cêdo do que se pensa revela esta qualidade natural em todo animal sociavel: o *gregarismo*. É o gregarismo a tendencia que impelle todo individuo para outros individuos da mesma especie. Considerado pela maioria dos autores como uma tendencia de caracter instinctivo (para os animaes de grupo), o gregarismo é entretanto admittido por Giddings como um habito devido ao facto dos animaes novos de uma especie serem criados em intima associação com seus paes (14). A verdade é que na criança a necessidade de companhia é muito precoce. É a opinião de Kirkpatrick, de Decroly e em geral de todos os autores que

se occupam da criança. Mas o gregarismo manifesta-se sob formas varias, segundo os differentes momentos da evolução, determinando reacções emotivas as mais diversas. Essas reacções acham-se ao serviço da incorporação da criança no grupo social. A completa integração no organismo social não se faz senão a custo de emoções mais ou menos fortes.

Podemos assignalar varios estadios na evolução do impulso gregario:

- 1 — Por necessidades vegetativas e de protecção.
- 2 — Por tendencia natural, abrangendo:
 - a) o diffuso
 - b) o sem objectivo certo
 - c) o com objectivo certo
 - d) o especializado.

A principio o impulso gregario se orienta para as pessoas adultas (mãe, ama, etc.) que ministram cuidados de toda natureza á criança. Dahi o desejo constante da companhia de outrem. A presença dessas pessoas representa uma possibilidade de satisfação das necessidades primordiales e de protecção contra o meio ainda pouco conhecido. Não se trata de gregarismo no seu verdadeiro sentido. Só a partir de 2 annos, segundo observação geral, é que o impulso gregario se revela por uma tendencia natural. Desde esta idade a criança mostra os primeiros indicios da sociabilidade especifica; mas é uma sociabilidade, a da criança de 2 annos, de simples contactos: é um gregarismo diffuso que se dirige para todas as cousas exteriores — animadas ou não. Coincide este momento com a phase de animismo da criança — animismo que faz attribuir a tudo, qualidades de vida á sua propria feição. Neste sentido — affirma Kirkpatrick — a criança é o sêr mais sympathico por se identificar com tudo o que conhece (15). Mas o impulso gregario tende a levar a criança a procurar a companhia de seus semelhantes. Formam-se então grupos mais ou menos occasionaes, sem objectivo certo. Uma criança junta-se a outra ou a outras para correr, para saltar, para gritar: é uma simples effusão decorrente da influencia do grupo. En-

tre 3 e 7 annos, para Dumouchel, os grupos infantis se constituem com objectivo certo: o brinquedo, a traquinada, a bisbilhotice, o commercio (16).

Burke conclue de suas observações que 50 % dos jogos teem um character individual; 26 % formam-se com 2 a 3 crianças; 20 % constituem-se em grupos numerosos. Em regra a criança é attraida por crianças aproximadamente da mesma idade. As mais velhas quase sempre se recusam a brincar com outras de menor idade; ellas se sentem inferiorizadas em companhia de crianças novas.

Com a iniciação escolar o impulso gregario se accentua: formam-se então grupos mais permanentes. Para Sheldon, entre 10 e 15 annos é que os grupos apresentam maior actividade (17). Desses simples agrupamentos para determinados jogos, partidas ou trabalhos escolares é frequente surgir a *camaradagem*. A preferencia de uma criança por outra, graças a affinidades de character affectivo, acha-se incluída nesta categoria. Mas é na adolescencia que mais se estreitam esses laços de amizade entre individuos do mesmo sexo. Affirma Mendousse que é na adolescencia que a camaradagem é mais assidua, como uma necessidade de confiança e estima mutuas, de comunicação de idéas e de sentimentos (18).

O impulso gregario sob essas varias manifestações constitue a base de grande numero de reacções emotivas. A *sympathia* e a *antipathia* dependem do fluxo e do refluxo do impulso gregario. Nasce a *sympathia* do proprio habito dos contactos e a *antipathia* da descontinuidade desse habito. Nos primeiros tempos, a partir do 3.º mez, segundo Decroly e Tracy, a *sympathia* se exerce por uma especie de attracção interessada, *sympathia passiva* que decorre da satisfação das necessidades elementares (19). Depois a *sympathia* se transforma em partilha de sentimentos. Essa forma de *sympathia*, para Decroly, implica em certo desenvolvimento da noção do *eu* e do *semelhante*. Orienta-se para os paes, irmãos e companheiros da mesma idade. Se o habito se acha na base da *sympathia* dos primeiros mezes, mais tarde a experiencia e a imaginação, segundo Kirkpatrick, são motivos de reacções *sympathicas* (20). A criança colloca-se então em situações

alheias graças ás suas proprias experiencias ou a uma actividade puramente imaginativa.

Varias attitudes emotivas podemos assignalar neste momento. A piedade, que é uma forma exaggerada de sympathia, occorre frequentemente entre 2 a 6 annos. O inquerito realizado por Boeck revela reacções de piedade segundo a seguinte percentagem (21):

Para membros da familia	35,5 %
Para animaes	22,5 %
Para objectos inanimados	14 %

As attitudes de *generosidade* são frequentes a partir de certa idade. A. Descoedres chegou a conclusões interessantes, incentivando a partilha entre crianças de differentes idades, sexos e condições sociaes. Assim, as partilhas egoistas são em menor numero do que as altruistas nas crianças mais idosas; nas mais jovens dá-se o contrario. As meninas fazem menos partilhas egoistas do que os meninos e entre as classes populares a generosidade sempre se encontra mais frequentemente do que nas classes mais abastadas (22).

As attitudes de revolta contra a injustiça podem, segundo Malapert, occorrer desde 3 annos (23). O sentimento do justo e do injusto começa a despertar muito antes da iniciação escolar, por occasião das accusações falsas, dos castigos imerecidos ou das privações inopportunas. Todas essas attitudes são formas de reacções ligadas á sympathia que a criança sente pelo proximo. São communs, sobretudo, entre crianças mais idosas, as sympathias fortuitas, subitamente despertadas para determinados fins, como traquinadas, conspirações contra superiores — sympathia que se desfaz com a desagregação do grupo ocasional.

Ainda mencionamos como attitude de sympathia superior, a *abnegação*, em que culmina o interesse do individuo em beneficio de outrem ou de uma causa que requer a solidariedade e a cooperação de varias pessoas. É commum essa attitude de abnegação nas crianças mais idosas. Exerce-se neste caso uma influencia do grupo — o que produz uma *emulação* tan-

to mais accentuada quanto maior é o interesse infantil. Nas competições, nas apostas, é frequente a criança dedicar todo o seu esforço em favor do seu partido ou do seu grupo. Os mestres podem tirar um grande partido desse entusiasmo das crianças pela organização das equipas de jogos ou de trabalhos.

Emfim ainda accrescentamos duas outras attitudes ligadas ao impulso gregario — a *dominação* e a *submissão*. Varendonck, no seu estudo sobre as *Sociedades Infantis* offerece conclusões de todo interesse para o esclarecimento dessas attitudes aparentemente antagonicas, mas na realidade semelhantes em sua relação com o espirito de grupo (24).

A *dominação* é uma attitude que desponta cêdo nas crianças quando o sentimento de poder se exalta plasmando o seu character de uma energia e de uma vontade fortes. O curioso é a acceitação dessas attitudes de dominio de certa criança por outras que se submettem á orientação ou ás ordens dadas. É o espirito de grupo que influe nessas attitudes: a necessidade de organização e de direcção, de permanencia e de conservação do grupo é que faz surgir os dominadores e os submissos. Sem essas attitudes de certo que não seria possível a existencia dos agrupamentos. A força physica, as qualidades de iniciativa, o entusiasmo, a experiencia são os attributos que dão aos chefes a sua ascendencia sobre as demais crianças. Estas por sua vez portam-se com disciplina, pelo menos emquanto persistem laços que prendem os elementos de um mesmo grupo, para fins determinados.

O impulso sexual.

A escola psychanalytica de Freud considera o impulso sexual como sendo o impulso fundamental, que por transformações de sua energia produz todos os demais. É o pae de todos os impulsos. A energia deste impulso é denominada *libido* — com um grande poder dynamico e uma capacidade de transformação extraordinaria. Para Yung a *libido* equivale no mundo psychico á noção de *energia* no mundo physico (25). Segundo essa concepção um grande numero de manifestações superiores do espirito suppõe em sua base o ins-

tincto sexual — o que valeu á theoria de Freud a denominação de *pansexualismo*. Para Adler esse impulso fundamental do sêr humano tem outro significado (26). Onde Freud vê sexualidade, Adler vê symbolo de poder — uma especie de compensação a uma inferioridade basica — é o que Nietzsche denomina a *vontade de poder*, da qual nasceria o dominio sobre a vida e o apparecimento das qualidades individuaes. Em torno do conceito de sexualidade muito se tem discutido. Não comprehendemos em que se possa considerar absurda a concepção de uma sexualidade indifferenciada, como a que existe na infancia, muito distante da crise pubertaria. No processo evolutivo do sêr é inadmissivel que a sexualidade subitamente irrompa por occasião da capacidade physiologica da procreação. É como pensa Spranger (27). No sêr humano as tendencias passam por uma lenta evolução antes de chegarem á sua estabilidade e amadurecimento. Dahi admittirmos uma sexualidade sem fins genitales durante a infancia.

As manifestações de caracter sexual são evidentes desde a mais tenra idade. A propria physionomia mental das crianças é affectada pelo impulso sexual. Assim as crianças do sexo masculino são mais aggressivas, possuem uma affectividade pouco flexivel, emquanto as do sexo feminino são dispostas a uma attitude de passividade que se revela pelas maneiras doces, pela ternura e pela ordem.

Durante a phase em que a criança começa a mostrar uma certa curiosidade para os problemas relativos ao sexo é que mais nitidamente transparece a sexualidade dos primeiros annos. Innumeradas reacções emotivas se ligam ao impulso sexual. A attitude de ternura parece uma das primeiras, sem querermos ir até o exaggero de attribuir caracter sexual a reacções puramente vegetativas, segundo a concepção freudiana. As tendencias maternas e paternas dão ás crianças uma attitude de ternura particular em relação aos sêres mais jovens, necessitados de cuidado e de protecção. O brinquêdo da boneca, universalmente generalizado, é a primeira etapa dessa attitude affectiva. As observações feitas por Ellis e Hall dão a idade de 2 annos e meio como o inicio dessas tendencias que se manifestam inteiramente fóra de toda influencia imitativa.

Mas quando as reacções ligadas ao impulso sexual mais evidentes se tornam é na idade da *fanfarronice* e da *faceirice*. Ahi vemos uma disposição intimamente relacionada com o sexo — attitudo masculina e attitudo feminina. Na adolescencia o impulso sexual é fonte de reacções emotivas que se dirigem para objecto definido: a ternura, a vaidade, o ciume visam o sexo opposto; na infancia, o impulso sexual provoca reacções que se orientam diffusamente sem alvo certo. Trata-se de uma attitudo em via de especialização.

O menino é naturalmente fanfarrão. Procura attrair a attenção sobre si mesmo, exhibindo-se por todos os meios. Os seus enthusiasmos intempestivos, a sua gabolice, as suas exhibições de força muscular, de bravura, etc. são manifestações que se prendem á aggressividade do sexo masculino. A menina é naturalmente faceira. Em todos os momentos procura parecer bem, ser apreciada; os cuidados exteriores com os vestidos, os sapatos, os laços de fita, o asseio, os bons modos, os gestos maneirados, a meiguice são traços permanentes da conducta feminina.

Mais cedo do que em geral se suppõe, surge a attracção inter-sexual. Bem analysadas, as historias sentimentaes tem as suas raizes na infancia; ás vezes sob forma de vaga inclinação para certas pessôas do sexo opposto, em geral symbolizando attributos excepcionaes; outras vezes sob forma mais precisa de attracção inter-sexual. Quase toda gente tem um episodio infantil de amor, — attitudo sentimental em face do outro sexo, pessôa de idade superior ou da mesma idade, companheiro de brinquedo ou de escola. Imaginar phantasias, situações hypotheticas e até planos de vida futura entram nas cogitações desta idade. Mas em virtude mesmo da superficialidade das affeições infantis, essa attitudo sentimental declina ou se orienta para outros interesses e preoccupações.

Attitudo igualmente sexual é a de pudor. Para Ribot o pudor se compõe de mêdo e do amor-proprio; para Havelock Ellis é um temor quase instinctivo que impelle o individuo a se occultar e que de ordinario está em relação directa com o sexo (28). As attitudes de pudor manifestam-se em epoca mal determinada: Bell affirma que surgem aos 9 annos para

as meninas; mas ha casos de precocidade, sob forma pittoresca. Ellis por exemplo refere-se á attitude de pudor que consiste em occultar com um panno apenas o pescoço. Temos observado crianças cheias de pudor que cobrem os olhos com as mãos, deixando o corpo inteiramente despido. Mas apesar de apparecer de algum modo cêdo, só na 3.^a infancia é que ella se nota com mais frequencia, justamente na phase em que a criança começa a perceber as interdições e a possuir o sentido das conveniencias.

REFERENCIAS BIBLIOGRAPHICAS

- 1 — Preyer — El alma del niño (trad.). 1908, Madrid.
- 2 — Thorndike — Apud Koffka in Bases de la evolucion psiquica. 1926. Madrid.
- 3 — K. Bühler — El desarrollo espiritual del niño (trad.). 1934. Madrid.
- 4 — G. Dwellshauvers — Traité de Psychologie. 1928. Paris.
- 5 — G. Dumas — Traité de Psychologie. 1924. Paris.
- 7 — Mac. Dougall — Social Psychology. New York.
- 6 — R. Gaupp — Psicología del niño (trad.).
- 8, 26 — A. Adler — Conocimiento del hombre (trad.) 1931. Madrid.
- 9, 10 — B. Perez — Les trois premières années de l'enfant. 1911. Paris.
- 11 — C. Darwin — L'expression des émotions. (trad.) Paris.
- 12 — J. Demoor e T. Jonckheere — La science de l'education. 1925. Paris.
- 13 — A. Binet — La peur chez les enfants. Ann. psych. 1896.
- 14 — P. Giddings — The principles of Sociology. 1896. Col. Univ.
- 15, 20 — Edwin A. Kirkpatrick — Fundamentals of Child Study — New York.
- 16 — P. Dumouchel — La vie sociale de l'enfant et de l'adolescent. Rev. Pédagogique, t. 85, n.º 9, 1924.
- 17 — Sheldon — Apud Decroly in La evolucion efectiva en el niño. (trad.) 1929. Madrid.
- 18 — P. Mendousse — L'âme de l'adolescent. 1924. Paris.
- 19 — Tracy — Apud Decroly in op. cit.
- 21 — Boeck — Apud T. Jonckheere — La pedagogie experimentale au jardin d'enfant. 1929. Bruxelles.
- 22 — A. Descoedres — Le partage. Int. de éducateurs, ns. 68-70. 1919.
- 23 — P. Malapert — Le sentiment de la justice chez les enfants — Bul. de la Soc. Psych. de l'enfant, n.º 46. 1908.
- 24 — J. Varendonck — Recherches sur les sociétés d'enfants. 1914. Bruxelles.
- 25 — Yung — Apud C. Baudouin — Etudes de Psychanalyse. Bruxelles.
- 27 — E. Spranger — Psicología de la idade juvenil. 1929. Madrid.
- 28 — Havelock Ellis — La Pudeur. (trad.) 1921. Paris.

RESUMO

1 — Enquanto a criança não pode utilizar a linguagem articulada, entende-se com outras pessoas pelos meios de que se servem os animais superiores: movimentos, attitudes e gritos que exprimem certos estados organicos ou affectivos ainda elementares.

2 — Na evolução dos estados affectivos elementares podemos observar um constante progresso; a pouco e pouco a criança irá se desprendendo da influencia das situações presentes: as impressões anteriores poderão provocar reacções expressivas; mais tarde, em lugar de entregar-se passivamente á influencia agradável ou desagradável das sensações ella tenderá a libertar-se desta situação procurando as impressões que determinam prazer e evitando as que produzem desprazer.

3 — A affectividade tem o seu ponto de partida nas necessidades organicas e nas disposições psychicas das quaes depende segundo a sequencia regular da sua satisfação ou a interrupção da sua periodicidade funcional.

4 — Segundo a theoria intellectualista as emoções derivam de lembranças, imagens, idéas, isto é, de factos de natureza intellectual. Para a theoria psycho-physiologica são as reacções visceraes e as motrizes que as determinam.

5 — A principio a criança não conhece outras emoções senão as contidas na esphera de seu egotismo basico; com o processo de adaptação ao meio physico e social alarga-se o campo emotivo da criança. O conflicto entre o egotismo inicial e a necessidade de adaptação tem uma importancia essencial na affectividade infantil.

6 — Podemos classificar as reacções emotivas infantis tendo por base as quatro esferas em que se manifestam os impulsos infantis — o impulso aggressivo, o para o desconhecido, o gregario e o sexual.

7 — Aspecto dominante na conducta infantil é a aggressividade — attitude quase permanente de hostilidade e de lucta contra tudo o que se oppõe á satisfação de suas necessidades; a hostilidade, a crueldade, a colera, o ciume e a vingança são as principaes reacções ligadas á aggressividade.

8 — Pode-se attribuir a aggressividade inicial da criança a uma necessidade de *afirmação de si mesma*; tendo necessidade de vencer o meio hostile e não lhe sendo possível a conducta directa, a criança toma uma attitude aggressiva como uma especie de compensação.

9 — A escola de Freud considera a aggressividade como uma manifestação da *libido* que procura por todas as formas vias ac-

cessorias ou secundarias de expansão. A *libido* estaria na base de todos os impulsos da personalidade.

10 — Mesmo na época em que o impulso aggressivo é ainda bem accentuado, a criança começa a ser impellida para tudo o que é desconhecido; são manifestações deste impulso para o desconhecido a surpresa, a curiosidade, a admiração, o medo e a timidez.

11 — Á medida que a criança avança em idade um novo mundo abre-se para ella; os seus sentidos começam a descobrir côres e formas até então desconhecidas. Sobretudo com a capacidade de andar é que se torna apta a fazer por si as suas descobertas.

12 — O apparecimento dos impulsos gregarios constitue novas fontes de reacções emotivas; a *sympathia*, a abnegação, a dominação, a submissão, a emulação. O gregarismo é a tendencia que impelle o individuo para outros individuos da mesma especie.

13 — A principio o impulso gregario se manifesta por necessidades vegetativas e de protecção; depois por tendencia natural, abrangendo varios momentos — o diffuso, o sem objectivo certo, o com objectivo certo e o especializado.

14 — As manifestações de caracter sexual são evidentes desde a mais tenra idade. Acham-se ligadas ao impulso sexual as reacções de ternura, de fanfarronice, de faceirice, a attracção intersexual e o pudor.

15 — No processo evolutivo do sêr é inadmissivel que a sexualidade subitamente irrompa por occasião da puberdade. As tendencias passam por uma lenta transformação antes de chegarem á sua estabilidade e amadurecimento.

VOCABULARIO

Attracção inter-sexual — Affinidade entre individuos de sexo differente; a principio simples attitude sentimental, mais tarde inclinação com fins genitales.

Camadas opto-estriadas — Porção do encephalo que a physiologia considera como sendo séde das reacções que se prendem ás emoções.

Compensação — Na linguagem *psychanalytica* quer dizer manifestação de tendencias ou disposições por meio de for-

mas secundarias ou accessorias que as substituem em determinados objectivos.

Dominação — Attitude eminentemente gregaria de um individuo que exerce poderosa influencia sobre os demais individuos do mesmo grupo.

Emotividade — Sensibilidade particular para as emoções.

Euphoria — Estado especial e indefinido de prazer que resulta do equilibrio funcional do organismo.

Gregarismo — Tendência que possuem certos animais a procurar a companhia dos semelhantes aos quaes são solidários.

Hedonico — Referente á disposição que procura o prazer e evita a dor.

Libido — Expressão usada pela escola de Freud para significar a energia dos impulsos sexuaes.

Pan-sexualismo — Denominação attribuida á escola de Freud por considerar o impulso sexual como pae de todos os demais impulsos da personalidade.

Polymorpho — Attributo da cousa que se manifesta sob varias formas.

Predisposição — Diz-se da aptidão ou tendência que encontra no individuo uma correspondencia com sua constituição psycho-physiologica.

Representativo — Denominação que a psychologia classica reserva para os factos mentaes que se relacionam com o mundo exterior.

Symbolo — Representação perceptiva de phenomeno que não se manifesta.

Sympathico — Porção do systema nervoso encarregado sobretudo dos phenomenos da

vida de nutrição, mas que exerce uma grande influencia sobre a vida mental superior.

Theoria intellectualista — É a explicação das emoções pela sua origem em factos intellectuaes. Para Herbart e Nahlowski as emoções são produzidas por percepções, imagens, idéas, etc. Facto intellectual — emoção — reacção, seria a ordem natural desses estados.

Theoria psycho-physiologica — É a theoria que se oppõe a anterior. Segundo Lange e James, as emoções não derivam de factos intellectuaes, mas se produzem graças a phenomenos de caracter visceral e motriz. As chamadas reacções organicas seriam então a causa determinante das emoções.

Tonus affectivo — Especie de ressonancia agradável-desagradável de certos estados psychicos.

Vaso-motricidade — Diz-se das reacções motrizes que se relacionam com a rede circulatoria.

Vida de relação — São os phenomenos que teem por fim communicar o animal com o meio em que vive. Contrapõe-se á vida vegetativa que se relaciona com os phenomenos de nutrição. Esta distincção não é entretanto absoluta.